

BREVE, LENTO, MAS COMPENSADOR A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NORDESTINO NO DISCURSO SÓCIO-ANTROPOLÓGICO E BIOTIPOPOLÓGICO DA DÉCADA DE TRINTA

*Durval Muniz de Albuquerque Júnior**

O homem está a caminho do cemitério, com o cadáver do filho nos braços, envolto num lençol...

O lençol que vela o cadáver do filho também se engancha aos espinhos dos mandacarus. Através dos rasgos que estes provocam, despontam-lhes as órbitas ocas, os carbúnculos negros e violácios, as virilhas tumefatas, evidenciando a trágica sucessão de doenças contagiosas que em menos de duas semanas haviam acarretado a sua morte.

Desde o início da viagem rumo ao cemitério, Manoel Vitorino evitava olhar para o cadáver infecto, mas agora que o lençol se esfacela, é obrigado a reviver a sua dolorosa agonia, marcada por delírios febris, cólicas intestinais e o corpo descarnado sempre retorcido dentro da rede. Manoel Vitorino aperta-o soluçante contra o peito.

A esta altura, o sabor da terra calcária invade-lhe a boca; misturado à terra calcária, Manoel Vitorino engole um ou outro cupim. Ele recorda os cupins que infestam suas terras e as sementes de feijão e milho perdidas nos últimos dois anos sem colheitas, inteiramente devastadas pela seca.

Os diversos elementos que o circundam também começam a se precipitar. Antes de tudo, a avalanche de pedras, que arrasta consigo bodes malhados, lavouras desertas e mandacarus floridos. A estéril paisagem sertaneja desmorona com Manoel Vitorino. Por um instante, ele espera estar se dirigindo para uma sepultura que o acolha com seu filho.¹

Construído a partir de cenas facilmente encontráveis em qualquer romance regionalista nordestino da década de trinta, o livro de Diogo Mainardi, *Polígono das Secas*, retrabalha de forma crítica uma grande obsessão desse discurso literário, as imagens que remetem à morte, à putrefação do corpo, à sua dissolução.

A vida, nesta região, parece estar sempre em perigo e ela própria parece participar desse processo de decomposição. Os corpos, realizando a profecia cristã, parecem todos voltar ao pó da terra, a ela misturando seu líquido

* Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal da Paraíba.

¹ Diogo Mainardi, *Polígono das Secas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 11-12.

corrosivo que a faz estéril. A morte dos homens parece brotar da própria morte da terra. A região, nestes discursos, parece ter sua forma, seu organismo mutilado e depauperado. Tudo parece se precipitar à volta destes sujeitos, que emitem seu discurso literário como canto fúnebre de um povo, de um tempo, de um espaço.

O corpo da terra² parece ser arrastado por uma avalanche, parece corroído lentamente por cupins. Tudo parece estar em agonia. A realidade parece delirante. Tudo soluça, tudo adoece, tudo seca.

Esta sensação de desterritorialização³ não é, no entanto, específica dos romancistas nordestinos. Aqueles membros das elites intelectuais e políticas da região, que se dedicam ao estudo de algum aspecto desta sociedade e que a tomam como um problema de interesse da ciência, notadamente das ciências sociais, também parecem estar obsedados pelo fantasma da cadaverização de sua realidade, de sua região, de seu povo, de sua raça.

Mesmo que alguns procurem, como Manoel Vitorino, fechar os olhos para não ver o cadáver infecto, parece que o lençol que o encobre teima em se rasgar, em deixar aparecer, por entre os orifícios abertos pelos espinhos da caminhada, os carbúnculos violácios, os tumores que infestam o corpo regional.

Formada, desde o século dezenove, pelas Faculdades de Direito ou de Medicina, partícipe das discussões nos Institutos Históricos e Geográficos de seus estados, leitora de toda a produção literária naturalista do final do século XIX, esta elite intelectual, que criara o Nordeste na década anterior, lidava, em grande medida, com um aparato conceitual extraído das correntes social-darwinistas e evolucionistas da Europa. Desde o grupo de intelectuais reunidos em torno das figuras de Tobias Barreto e Silvio Romero, na Escola do Recife, ainda na década de setenta do século XIX, até aqueles que circundaram o trabalho de Nina Rodrigues, na Faculdade de Medicina da Bahia, todos estes intelectuais leram e assimilaram um conjunto de temas, enunciados e conceitos provenientes das escolas alemã, francesa e italiana disseminadoras das teorias raciais.⁴

Gobineau, Lombroso, Taine, Haeckel, Spencer, Tylor pareciam fornecer um aparato conceitual mais científico e moderno, capaz de ajudar a nação a sair de seu atraso e acertar o passo de vez com a civilização. Para isso era preciso se dedicar a pesquisar a nossa realidade em profundidade, descobrir as

² A noção de corpo da terra aparece em Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O Anti-Édipo, capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 26.

³ A noção de desterritorialização e a sua relação com o *socius*, produzindo o corpo sem órgãos, pode ser encontrada em Deleuze e Guattari, *O Anti-Édipo*, p. 223.

⁴ Para uma análise das teorias raciais que exercem influência no pensamento brasileiro a partir do final do século XIX e das instituições que as veicularam, ver Lília Moritz Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

determinantes, as leis que presidiam a nossa evolução como nação politicamente autônoma e organizada, e como raça, para, se necessário, corrigir os rumos que este processo tomava, se possível curando os males nacionais.

Nestes discursos naturalistas e evolucionistas, a metáfora biológica do corpo já era usada indiscriminadamente para se pensar a nação, a região, o povo, as instituições como o Estado e até o território nacional, que precisava ser defendido contra agentes invasores, que poderiam produzir patologias no interior da nação. Este território também devia, como um corpo, ter a sua forma definitiva estabelecida, estando em constante movimento de interiorização e integração. O mito da Marcha para o Oeste, usado e abusado durante o Estado Novo, se refere a esta constituição somática da nação.

Mas a grande preocupação destes intelectuais que se dedicavam às ciências sociais, na década de trinta, ainda continuava sendo a nossa constituição enquanto nação e mesmo a constituição somática de nossa raça. País de intensa mestiçagem, o Brasil aparecia, para o bem ou para o mal, como um grande laboratório das raças, sobre o qual os cientistas de todos os matizes podiam se debruçar para analisar à luz das teorias “mais modernas” a evolução racial de nosso povo, a sua constituição física e as conseqüências intelectuais e morais que a mestiçagem estava trazendo. Este tema era mais candente numa região que tinha perdido, desde o final do século passado, a oportunidade de tomar “injeções do sangue reparador ariano” vindo da Europa, através da imigração.

Num país tão vasto como o nosso, estes intelectuais achavam que era natural que os trabalhos em torno do estudo de nossa raça tivessem um caráter regional. Foi pensando assim que um grupo de seguidores do saber biotipológico inicia pesquisas em torno do homem do Nordeste. Formados, em boa parte, na recentemente fundada Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, sob a orientação do professor Sette Ramalho, Álvaro Ferraz, Andrade Lima Júnior, Luís Inácio, Nilo de Brito Bastos, entre outros, se dedicam a definir um tipo regional, em dotar o homem do Nordeste de uma forma, em dar um corpo à região.

Impactados pelas teorias raciais e pelas próprias descrições existentes dos vários tipos que povoavam a região, como os do sertanejo, do brejeiro, do praieiro, do nortista, estes intelectuais se angustiam diante das imagens do corpo do nordestino, corpo que parecia estar sempre desabando, ficando sem órgãos. A rostidade⁵ fugidia deste personagem requer, pois, da parte destes especialistas e de seus saberes, um enorme esforço no sentido de escrever e

⁵ A noção de rostidade é discutida em Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996, pp. 31-62.

inscrever um novo corpo para o nordestino, não só pesquisando a sua situação somática, intelectual e moral do momento, mas, principalmente, a partir daí, tomando medidas no sentido de estancar este depauperamento da raça regional e com ela do próprio espaço de atuação destes profissionais.

Todas estas pesquisas, quando não provêm do Estado, a ele se dirigem, interpelando-o no sentido de cada vez mais intervir na vida dos indivíduos, delas cuidando. O Estado vai sendo governamentalizado⁶ no sentido de administrar esta população, de esquadrihá-la e discipliná-la, fazendo dela um novo corpo social, aproveitando estes saberes que a nova ciência social oferece.

O corpo como superfície de inscrição dos acontecimentos, espaço experimental dos conflitos e da coexistência da repressão e dos incitamentos, nas palavras de Foucault, torna-se o alvo de inquéritos, experiências e práticas.⁷ “De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato do corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano”.⁸

Filhos de uma elite decadente, que vêem não só seus ascendentes mas o próprio mundo deles envelhecer, entrar em decrepitude, estes cientistas sociais procurarão fazer de seus escritos um diagnóstico dos males que afligem a região, das doenças que corroem seu organismo, procurando dotá-la, se possível, de uma nova constituição. O medo da morte social parece ser traduzida no medo da morte física. Não é somente Augusto dos Anjos que povoa até a poesia de cadáveres e pestilências, que se sente rondado pela morte. À medida que o desejo destas pessoas parece ancorar em territórios existenciais em desagregação, grudando em matérias e formas de expressão postas em questão pelo avanço da sociabilidade e da sensibilidade burguesas, faz da aplicação do que aparece como os mais modernos métodos científicos uma arma na luta pela sobrevivência enquanto sujeitos de poder e de saber.

Fazendo parte da coleção Documentos Brasileiros, dirigida pelo já consagrado autor de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre, um dos elaboradores de uma visão do homem nordestino, é publicada no ano de 1939 a obra *A Morfologia do Homem do Nordeste*, escrita por Álvaro Ferraz e Andrade Lima Júnior. Trata-se de um estudo biotipológico do homem nordestino, tomando como “material de pesquisa” os soldados da Brigada Militar de Pernambuco e tendo como locus institucional a Diretoria de Educação Física da Brigada Militar.⁹

⁶ Para a noção de governamentalização ver Michel Foucault, A governamentalidade, in Roberto Machado (org.), *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1984, pp. 227 e segs.

⁷ Ver Foucault, A governamentalidade, p. 22.

⁸ Alcir Lenharo, *Sacralização da Política*, Campinas, Papirus, 1986, p. 75.

⁹ Álvaro Ferraz e Andrade Lima Jr, *A Morfologia do Homem do Nordeste*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

Logo nos chama atenção o fato de que a morfologia do homem nordestino, seu tipo, é procurado numa instituição militar. Esta prática “científica” está bem de acordo com toda uma estratégia do regime de Vargas, notadamente nos momentos que antecedem e durante a guerra, de militarização dos corpos. Sinônimo de disciplina, de hierarquia, de autoridade e obediência, a vida militar é exaltada como exemplo de uma vida sadia, útil e moralmente inatacável. O corpo rijo do soldado é tomado como modelo a ser copiado por toda a população. Corpo modelado pela educação física e espírito instruído pela educação moral e cívica, o soldado é apresentado como o produto acabado da disciplina, de uma pedagogia que visa criar o homem patriótico e o corpo normalizado.

O nordestino é, antes de tudo, um homem. Este tipo regional é pensado a partir dos códigos de gênero dominantes na sociedade, que consagram o corpo masculino como aquele de formas mais perfeitas, aquele mais saudável, mais forte, mais predisposto ao trabalho, ao mando e à luta. Nenhuma mulher é usada como “material de pesquisa”. É no corpo do soldado, portanto, no corpo masculino, viril, que se procura a forma do nordestino.

Logo no prefácio feito pelo antropometrista carioca W. Berardinelli se enuncia a novidade do método que embasaria este estudo. Se o “homem até [então] tinha sido estudado como máquina, padronizado, igual; ou fragmentariamente nos laboratórios de fisiologia; ou morto e despedaçado nos anfiteatros da anatomia; ou mais que morto, pelos paleontologistas ou pelos antropologistas da velha escola”, agora ele seria estudado como “homem vivo, integral e são” e sem “fazer desse estudo uma abstração, um universal”.¹⁰

Contra o humanismo universalista liberal ou cristão, estes estudos da “nova ciência” levavam em conta que cada homem é diferente de outro homem, interessando à orientação das atividades humanas o conhecimento de cada indivíduo particular e não o homem abstrato em geral. Esses novos métodos de “caráter concreto, em contato imediato com os fatos, [teriam revolucionado] os hábitos de pensamento”, valorizando o particular. Para Berardinelli, em Biologia e em Sociologia o que interessava era o particular, e o particular era o indivíduo humano, objeto básico de conhecimento. O indivíduo é tomado como um objeto dado, como algo naturalmente constituído, quando, na realidade, estas práticas estavam constituindo o próprio indivíduo.¹¹

Partindo, claramente, de pressupostos positivistas, Berardinelli afirma que o estudo da “constituição individual é a base indispensável para a realização racional de todas as atividades humanas: na escola e no campo da educa-

¹⁰ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, p. 5.

¹¹ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, p. 7.

ção física, para o estabelecimento de classes homogêneas; no escritório e na oficina, para a orientação profissional; nos tribunais e nos cárceres, para a individualização da pena, reeducação e tratamento de delinquentes; na política, na administração, na sociedade, para que cada um tenha, biologicamente, o seu lugar apropriado; nas organizações de saúde pública, nos serviços de profilaxia entendidos de um modo mais geral, para a eugenia, para a ortogênese; para a profilaxia dos delitos, baseada no conhecimento precoce da 'constituição delinqüencial'; nas companhias de seguros, nas organizações sindicais, para a defesa dos respectivos interesses, para a prevenção dos acidentes, muitas vezes originados de uma ocupação pouco adequada ao indivíduo; e sobretudo, na clínica".¹²

Aparecendo como uma grande panacéia para os males da sociedade, os estudos de constituição dos indivíduos, na verdade, traçavam um intenso programa de intervenções em amplos aspectos da vida da população tomando por base a questão somática ou racial. Embora Lilia Moritz Schwarcz considere que o final dos anos vinte marcou o declínio do uso das teorias raciais no Brasil, não é o que demonstrou a pesquisa de Alcir Lenharo e a minha própria pesquisa sobre os anos trinta. Veja que esta obra em análise foi publicada numa das coleções de maior prestígio no momento, apadrinhada por um intelectual que é considerado um marco na luta contra estas explicações raciais, e já no final da década.¹³

A constituição física dos indivíduos aparece neste discurso como devendo servir de base para a formação de classes homogêneas nas escolas, o que nos leva a presumir que se inferia da homogeneidade física, a homogeneidade intelectual. Este tipo de pedagogia, além do elemento discriminatório e autoritário de que se reveste, estabelece claramente hierarquias a partir da morfologia corporal e porque não a partir da cor. O nordestino era um mestiço, em cujas veias corria sangue africano ou indígena, sendo, portanto, produto do cruzamento com raças consideradas inferiores, de onde surgiam seres degenerados, fracos e intelectualmente incapazes; era preciso, pois, selecionar e educar os seus melhores indivíduos, para novamente dotar a região de uma elite intelectual e política capaz de tirá-la do atraso e da subserviência política. Já que não se faziam mais homens como antigamente, como na época dos patriarcas do engenho, era preciso, para emergir do abastardamento da raça regional, trazida pela mistura racial irrefreada e pela educação bacharelesca pouco afeita ao novo mundo técnico do trabalho, adotar esta nova pedagogia racional e racialmente orientada.

¹² *ibid.*, pp. 7 e 8.

¹³ Ver Schwarcz, *O Espetáculo*, pp. 94-98 e Lenharo, *Sacralização*.

Na preparação do homem para o trabalho também deveria intervir este saber sobre o corpo individual, para seu melhor adestramento e adaptação à tarefas e máquinas. Era preciso conectar a máquina desejan­te à máquina técnica, para que novos mundos pudessem ser produzidos. Para isso era preciso achar o lugar biologicamente definido para cada homem, assim como se acha um lugar para cada peça que compõe o automatismo. Adotando uma estratégia de naturalização das diferenças sociais, bem como dos lugares de sujeitos, este discurso reivindica que cada um ocupe um lugar que é definido pela natureza. O indivíduo é tomado como um órgão no grande corpo que é o Estado, tendo cada um, uma função e papel social previamente definidos, a que deve se resignar. Não há porque se revoltar contra este lugar social porque seria se revoltar contra a natureza, quem o faz é monstruoso, pervertido, anormal, patológico ou de constituição delinqüencial.

Aos delinqüentes também se chega pelo estudo dos corpos, o crime é um estigma que deixa seu sinal, seu signo à flor da pele, ele se deixa emergir em alguma saliência do crânio, ele se insinua em cada gesto. Portanto, é preciso que o especialista em craniometria, em frenologia, em antropometria, venha decodificar estes sinais e ajudar os criminologistas e a justiça a aplicarem a pena que cada um individualmente merece. Nada de leis gerais, que partem da concepção universalista do homem. Os códigos têm que ser agora flexíveis, abertos aos novos conhecimentos das ciências sociais, atribuindo a pena a cada delinqüente de forma individualizada.

Todas estas medidas seriam saneadoras do corpo social, operariam finalmente a tão necessária profilaxia física e moral da população nordestina, medida urgente e decisiva para a recuperação da região, destruída por anos de imoralidades e imundícies. Se o novo regime havia varrido as imundícies das oligarquias que empestavam o governo, cabia agora a este higienizar a população, cuidando daqueles elementos mais eugênicos e deixando desaparecer, no conjunto da população, aqueles elementos de desordem.

No preâmbulo do livro, escrito pelos autores, encontramos uma citação do biotipólogo italiano Pende, que afirma a importância da pesquisa da biologia e da psicologia da individualidade, saberes a quem a sociologia e a antropologia pareciam estar subordinadas, já que a cultura humana e a sua organização social tinham como determinantes últimos a constituição física dos indivíduos e seus reflexos na constituição psíquica. Para ele a biotipologia humana interessava ao médico e ao investigador da higiene e da medicina social; ao educador; ao antropólogo e ao biólogo que estudavam os problemas da herança e da eugenia; interessava ao criminalista filantropo que anela a redenção dos imorais e dos predispostos ao delito; interessava ao filósofo pela eterna

questão das relações entre a personalidade física e a personalidade psíquica; interessava sobretudo ao homem público e ao condutor de povos, pela instauração de uma política nova, que podemos chamar política biológica ou psicofisiologia ou bio-sociologia.¹⁴

Foucault chamaria de biopoder a este governo dos corpos, este poder que se encarna, que plasma uma população disciplinada em nome da vida, de sua preservação e reprodução. E, como ele suspeitava, está aí, nesta forma de poder, a possibilidade de emergência das ciências sociais, dispositivo de exame e intervenção sobre o cotidiano, antes cinzento e desconhecido, das camadas populares. Saberes e práticas que produzem o homem comum, o pobre, o operário, o criminoso, a população como objeto de conhecimento, como superfície de inscrição de desejos e como destinatário privilegiado de olhares e práticas de governo.¹⁵

No primeiro capítulo do livro define-se a biotipologia como o estudo da individualidade humana nos seus caracteres físicos (anatômicos e funcionais) e psíquicos que fazem distinguir cada ser de seu semelhante. Saber, pois, que investe na definição do indivíduo, de sua diferenciação, ao qual só interessa as particularidades em detrimento das leis que, segundo os autores, era o que interessaria à Antropologia. Este saber teria como conceito básico a noção de constituição, formulada pela escola italiana comandada por Viola, Frassetto, Di Tulio e Pende. A constituição seria a resultante morfológica e psicológica, variável de indivíduo a indivíduo, das propriedades de todos os elementos celulares e humorais do corpo e também de sua combinação em um tipo especial de composição corpórea, em um estado celular especial, possuindo um equilíbrio e um rendimento funcional próprios, uma determinada capacidade de adaptação e uma dada maneira de reagir aos estímulos do ambiente. Tal resultante seria essencialmente determinada pelas leis da hereditariedade e acessoriamente pelas ações perturbadoras exercidas pelo ambiente sobre a atuação do plano hereditário de organização do indivíduo.¹⁶

Portanto, segundo este discurso, o tipo regional deveria ser procurado inicialmente pelo estudo da morfologia e da psicologia dos indivíduos reunidos como material de pesquisa, buscando definir um tipo especial de composição corpórea que fosse majoritariamente predominante, bem como determinar a forma especial destes indivíduos reagirem aos estímulos do meio. Embora este meio regional fosse um fator reconhecido como interveniente nos aspectos

¹⁴ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, pp. 14 e 15.

¹⁵ Sobre a noção de biopoder ver Michel Foucault, *Poder e Corpo*, in Roberto Machado, *A Microfísica*, pp. 145-153.

¹⁶ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, pp. 21 e 26.

psicológicos deste ser regional, o que interessava estritamente à pesquisa era a definição morfológica de um tipo regional. Essa definição morfológica seria resultado das leis da hereditariedade e, portanto, da composição racial e dos processos de miscigenação.

Nos segundo e terceiro capítulos, o livro discorre sobre o método antropométrico de Viola e suas leis, que guiaram os passos da pesquisa. Descreve o instrumental utilizado, que constava de antropômetro horizontal, com movimento de báscula, compasso de espessura, milimetrado, com varetas retilíneas e curvas e duas fitas metálicas, providas de parafuso fixador. Com estes instrumentos, os soldados da Brigada Militar de Pernambuco eram submetidos a dez tipos de medições, cinco horizontais e cinco verticais. As medidas horizontais eram o diâmetro transverso torácico, o diâmetro anteroposterior torácico, o diâmetro transverso hipocôndrio, o diâmetro anteroposterior hipocôndrio e o diâmetro transverso da bacia; as cinco medidas verticais eram o comprimento do externo ou distância jugulo-xifoida; o comprimento do abdmen superior ou distância xifo-epigástrica; o comprimento do abdmen inferior ou distância epigastro-pública; o comprimento do membro superior e comprimento do membro inferior.¹⁷

A partir destas tomadas de medidas procurava-se determinar a que tipo morfológico pertencia o indivíduo. Para fazer esta classificação partia-se dos tipos morfológicos fundamentais também definidos por Viola, que seriam: o normolneo, o brevilíneo e o longilíneo. Ou seja, procurava-se determinar à qual destes três tipos pertencia o nordestino e mais ansiosamente buscava-se saber se o homem regional era normolneo ou não. Para isso foram elaborados quadros estatísticos que mediram a freqüência do aparecimento destes três tipos, fazendo-se, inclusive, uma separação dos dados por zonas geográficas da região, agrupadas em trs: o litoral, o agreste, que incluía a mata, e o sertão. Este cruzamento foi possível porque nas fichas dos soldados constavam seus municípios de nascimento. Além destes critérios foi usado também o de origem racial. Os soldados foram agrupados em três grupos étnicos: o leucodermo (de cor branca), o faiodermo (de cor parda ou mestiço) e o melanodermo (de cor negra).¹⁸

Partia-se ainda de uma descrição caracterolgica dos tipos, também feita por Viola, para se fazer a checagem de qualquer desvio de padrão. O tipo brevilíneo, por exemplo, era descrito por Viola como aquele indivíduo cujo o valor do tronco era maior que o valor dos membros, a massa corpórea era mais desenvolvida no sentido horizontal do que na vertical, com desaparecimento ou

¹⁷ Ibid, pp. 41 e 45.

¹⁸ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, pp. 29-40.

atenuação da reentrância da cintura, abdômen preponderando sobre o tórax e abdome superior maior que o abdômen inferior, diâmetros antero-posteriores do tronco preponderando sobre os transversos, altura do tórax pequena, em relação ao seu desenvolvimento em profundidade e em largura, situação baixa da cicatriz umbilical, tendência a braquicefilia, face arredondada, pescoço curto, com perímetro elevado e a saliência da laringe pouco pronunciada, grande desenvolvimento em largura das mãos e dos pés, maior volume do coração, o estômago em posição horizontal, com diminuição do eixo longitudinal e aumento da largura, maior volume do fígado, do baço e dos ovários, menor volume da tireóide e do timo. O brevilíneo teria ainda um temperamento ciclotímico, predominando nestes indivíduos as qualidades de resistência e força.¹⁹

Após apresentarem uma série de quadros com os dados das medições feitas em 765 leucodermos, 640 faiodermos e 128 melanodermos, Álvaro Ferraz e Andrade Lima Júnior finalmente se dispõem a apresentar as conclusões de suas pesquisas a respeito da morfologia do homem nordestino. Começam por falar da dificuldade que representa para a biotipologia uma realidade racial como a desta região, pois, uma seleção de tipos étnicos a ser examinada é dificultada porque de cada raça teríamos uma miscelânea de tipos. Embora, segundo eles, a mancha negra estivesse paulatinamente se dissolvendo, o que parece deixá-los muito contentes, isto se dava com alternativas de sol e de sombra, daí a dificuldade de se definir qualquer tipo racialmente puro ou mesmo inferior ou superior a outro.²⁰

Agrupando o material por zonas geográficas, chegam à conclusão que os indivíduos longilíneos predominavam no litoral, fato explicado, segundo eles, pela maior presença de iodo no ar e na alimentação, elemento químico que estimularia o funcionamento da tireóide e a produção de hormônios ligados ao crescimento. Já o tipo brevilíneo seria o predominante na maior parte da região, este se caracterizaria “pelo esforço lento, pouco compensador, mas sempre compensador e persistente; sobretudo se distinguindo pela persistência.”²¹

Partindo desta caracterização física, os autores, que haviam anunciado que se deteriam apenas na abordagem morfológica do tipo regional, não deixam de fazer ilações quanto aos comportamentos e atitudes psicológicas que estariam associadas aos tipos encontrados. Os autores passam a caracterizar o brevilíneo como o tipo do trabalhador rural, que parou nas faldas úberes das montanhas ou nas margens férteis dos rios; sendo ele que teria construído, persistentemente mas sedentariamente, a nossa civilização agrária. Sofrendo

¹⁹ Ibid, pp. 38 e 39.

²⁰ Ibid, p. 282.

²¹ Ferraz e Lima Jr, *A Morfologia*, pp. 301-317.

o que na verdade parecia ser o que mais preocupava os autores. A melhoria da raça surgia como a única esperança para uma região que se pressupunha ter sido abastardada pelo depauperamento ou degenerescência de sua população, contaminada por séculos de mestiçagem. Embora possamos perceber uma presença de temas ligados ao dispositivo da sexualidade, estes discursos ainda parecem estar atravessados pela imagística do sangue, ainda é a sua economia de misturas que aparece como definidora do futuro da região e de seu povo. O nordestino ainda continua sendo um corpo escrito com sangue.²⁴

Este texto pertence claramente a uma estratégia mais geral, que se delineava nos anos trinta, de governamentalizar o Estado, de produzir um saber que este pudesse utilizar para o melhor governo da população, saber que parte de uma análise do corpo do indivíduo porque este é visto como célula de um corpo social, que precisava ser diagnosticado, tratado e higienizado. Na formação deste corpo nacional, as regiões aparecem como membros a serem concertados, a serem reunidos numa só totalidade. Para conseguir este objetivo era fundamental corrigir processos de desvio como aquele observado na região Nordeste, onde a população parecia não caminhar para o mesmo destino da nação, medo que estava presente na própria elite da região. O medo da degenerescência corporal, de um corpo regional que se fragilizava, que se tornava passivo, que se emasculava, leva a que saberes já contestados em outros lugares como o da biotipologia e da frenologia tivessem nesta região uma ampla aceitação, como forma de diagnosticar o problema regional e poder solucioná-lo.

Das explicações raciais não escapam nem intelectuais como Gilberto Freyre, que é tido como iniciador dos modernos estudos de ciências sociais no Brasil e considerado um pensador que veio por em questão as teorias que usavam os determinismos raciais como estratégia de explicação. Esta montagem racial da rostidade nordestina se traduz inclusive em enunciados facilmente encontráveis no senso comum, seja na região ou fora dela, onde serve para alimentar preconceitos e atitudes discriminatórias em relação ao que seria uma "sub-raça", uma raça de degenerados física e intelectualmente, incapazes para o trabalho intelectual e de difícil adiestramento para o trabalho metódico e mecânico. Dilacerar este rosto, este corpo, torná-lo sem órgãos parece ser um caminho necessário a ser trilhado pelas ciências sociais, para que estes discursos não sejam jogos de linguagem que apenas relançam as estratégias de governamentalização do Estado ou de disciplinarização dos corpos, inscrevendo ou escrevendo estes no lugar da identidade e não da diferença e

²⁴ Sobre as noções de sangüinidade e sexualidade ver Michel Foucault, *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1982.

da singularização desejante, corpo, portanto, que tenderá a ser sem vida, morto, cadáver, sem capacidade de encantar, de afetar e de ser afetado. Até quando as ciências sociais no Nordeste desejarão um corpo flagelado, miserável; corpo enrijecido de conceitos e imagens repetitivas? Quando faremos de nossos discursos um fluido corrosivo capaz de destruir estas máscaras cristalizadas e liberar outras possibilidades de simulação de rostos, de criação de conceitos e de atuação prática?